

Vale do Paraíba-Paulista



Antônio de Pádua B. do Prado

## **P R E F A C I A N D O . . .**

“VALE DO PARAÍBA PAULISTA”, em versos, de autoria de Antônio de Pádua Bastos do Prado, é um poema, cuja leitura desperta interesse desde o início.

O poeta aborda e analisa o tema escolhido, expressando, com conhecimento, o que se dispôs a poetisar. Utiliza-se muito dos seus próprios sentimentos e do profundo amor à região onde nasceu.

Poeticamente, invoca cenas e fatos do passado, demonstrando ser versado em nossa História e em nossa Gente.

“VALE DO PARAÍBA PAULISTA” é um poema que esclarece, ensina, distrai e encanta.

Sobrepondo-se a tudo isso, destacamos o estilo tão pessoal, que retrata, bem, o autor, ao dar às imagens que descreve, um colorido quase real e muita beleza na simplicidade de que se revestem.

Acredito que, por mais singelo que o autor considere o seu trabalho, os leitores saberão aplaudir a criação poética de Antônio de P. Bastos do Prado — aliás merecidamente — reputando esta obra — cheia de graça e encanto — uma feliz realização.

Que esta mensagem de amor consagrado ao VALE DO PARAÍBA PAULISTA seja ampliada através de seus versos.

**Prof.<sup>a</sup> BOTYRA CAMORIM**

**Escritora e Poetisa**

## BIBLIOGRAFIA

“HISTÓRIA DO BRASIL” — Afrânio Peixoto

“SILVEIRAS” — Prof. José de Miranda Alves

“CACHOEIRA PAULISTA 1780/1970” — Prof. Agostinho V. F. Ramos.

“CONVERSANDO COM A SAUDADE” — Sr. Emílio Amadei Beringhs

“BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO, PÁTRIA DO EVANGELHO”  
— Francisco Cândido Xavier

“GENS LORENNENSIS” — Dr. Gama Rodrigues

“OS LUSÍADAS” — Luís de Camões

“VIAGEM PITORESCA ATRAVÉS DO BRASIL — João Maurício Rugendas (Tradução de Sérgio Milliet — 1954 — 5.a ed.)

“PEREGRINAÇÃO PELA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO” — A. Emílio Zaluar (1945 — 2.a ed.) 1860/1861

“HISTÓRIA DA CAPITANIA DE SÃO VICENTE” — Pedro Taques

ANTÔNIO DE PÁDUA BASTOS DO PRADO

DUAS PALAVRAS

"VALE DO PARAÍBA PAULISTA", em versos, é um  
livro de inspiração e que me praz de homenagear, de  
dedicar, ao seu Paraiba, alguns dos aspectos mais  
da, após o tempo da variedade, pois a "história não é mais por  
ser uma página apologetica".

## **VALE DO PARAÍBA PAULISTA**

ROMA, O ORLA... uma Carta  
sua história tem sido marcada no tempo.

Não inventar. Apenas, recordar de algumas obras em  
sua vida, tal a importância e o encadernamento de uma obra  
que mescla de cultura e de envolvimento.

Trabalho antigo, desde o tempo antigo do Vale do Paraíba  
nao o "Cinco Divino" passou o tempo de muita individual  
sua.

### **Dedicatória:**

Nossos louvores aos pioneiros  
e aos desbravadores do Vale do  
Paraíba, desde os mais humildes  
e desconhecidos até os mais fa-  
mosos, cujos nomes a História  
consagra.

**CAPA DE**  
**JAIRO G. RAMOS**

1987/1988 (p. 2) - São Paulo  
Hoje, jovens nos pioneiros  
e nos desbravadores do Vale do  
Paraíba, desde os mais humildes  
e desconhecidos até os mais fa-  
mosos, cujos nomes a História  
consagra.

## DUAS PALAVRAS

“VALE DO PARAÍBA PAULISTA”, em versos, é uma tentativa despreziosa a que me propus de homenageá-lo, descerrando, do seu Passado, alguns dos aspectos mais em evidência, sem embargo da verdade, pois a “história não é nem pode ser uma página apologética”.

Sem receio de erro, pode-se afirmar que, à beleza física desta região paulista, juntou-se, para sua grandeza, uma Gente varonil, cuja História tem sido maiúscula no Tempo.

Nada inventei. Apenas, socorri-me de algumas obras impecáveis, tal a autenticidade e o encantamento de uma linguagem mesclada de sutileza e de envolvimento.

Trabalho singelo, dado o meu apego ao Vale do Paraíba, onde o “Oleiro Divino plasmou o barro de minha individualidade”.

**O AUTOR**

**Obras do autor:**

**"Mosaico de Recordações" — 1981 — Memórias**

**"Na Voz de um Peregrino" — 1980 — Poesia**

## PRÓLOGO

### I

Valeparaibano eu sou,  
pois tive o privilégio  
de, em época já distante,  
ter nascido neste Vale,  
onde o Brasil escreveu  
parte de sua História.  
Aqui, vivi a infância  
e algo da juventude,  
luzindo recordações,  
que não posso esquecer.

### II

Hoje, encanecido,  
e já quase vencidos  
os tropeços da estrada,  
ao Senhor eu agradeço  
as lágrimas e as alegrias,  
que se alternaram no Vale  
pra minha felicidade.  
Nas dobras do passado  
há ilusões que sonhei  
sem poder tê-las sonhado!

### III

No Vale paraibano,  
altura de Guararema,  
majestoso o Paraíba  
inicia sua jornada,  
através de três Estados,  
que o leva até o Atlântico.  
Suas águas caudalosas  
que, ora são mansas, serenas,  
ora são cachoeiras  
espumantes e ruidosas.

### IV

Há montanhas. Há colinas.  
Planícies e ondulações,  
caprichosas, verdejantes  
a despertar emoções.  
Serpenteiam os ribeirões;  
e das grotas e das fontes  
brota água aos borbotões.  
O Vale é um tesouro,  
onde o verde se apaixonou  
pelas tardes cor de ouro.

## V

No Vale do Paraíba,  
entre as imagens que restam  
ficou a do sertanejo:  
com sua enxada nas mãos  
ao romper da madrugada,  
à porta da humilde choça  
se apresta pro trabalho  
na plantação lá da roça,  
onde cultiva o seu milho,  
arroz, batata e feijão.

## VI

Por toda a fulguração  
deste Vale iridescente,  
se confundem e se misturam  
paisagens tão deslumbrantes,  
que ficam no coração.  
Força não há que destrua  
tanta munificência  
das coisas que o Criador,  
abrindo o portal do céu,  
colocou no Vale afora.

## VII

Das lembranças merencórias,  
que as há por toda parte,  
marcando o Brasil-Colônia,  
o carro-de-boi é uma delas.  
O sol, a chuva e o vento  
não o barram nas estradas  
em busca do seu destino,  
que parece alcançar sozinho,  
sem ajuda do carreiro  
a indicar-lhe o caminho.

## VIII

Um dia, o trem-de-ferro  
apareceu sobre trilhos.  
Tinha sinos e chaminé.  
E corria velozmente,  
anuviando os ares  
com seus rolos de fumaça.  
Mas, depois, o automóvel,  
suplantando a ferrovia,  
deixou o trem lá pra trás.  
Era a vez da rodovia.

IX IX

O Vale do Paraíba,  
no curso do tempo infinito,  
nunca perdeu seu fascínio.  
Só me angustia a tristeza  
pelos males que lhe causam  
os que ferem a Natureza  
e destroem a beleza  
deste Vale tão querido,  
cujo solo, água e ar  
mais se tornam poluídos.

X IX

Mas eu tenho a esperança  
de que, um dia, entendam  
de que pouco vale a riqueza  
dos bens, que se desfrutam,  
se não se preserva e se cuida  
da terra que Deus nos deu  
e que nossos ancestrais,  
de armas nas mãos, defenderam  
no horizonte recuado  
deste Brasil colossal.

XI Xf

Ao Vale do Paraíba,  
na sua parte paulista,  
eu dedico este poema.  
Mas estendo esta homenagem  
aos belos rincões mineiros  
e, também, aos fluminenses,  
onde a nossa siderurgia  
não foi obra da magia,  
mas de um grande brasileiro,  
que a História imortalizou.

XII X

Agora, que o progresso  
do Vale tomou conta,  
não adianta o suspiro  
daquele que só aponta  
aquilo que já passou!  
O Vale do Paraíba,  
tão pleno de tradições,  
deve cultivar o passado,  
mas não pode, embevecido,  
das refregas sair vencido.

### XIII

Ao recordar velhos tempos,  
e seus acontecimentos,  
inútil ficar magoado  
porque se vive outra fase  
diferente à do passado.  
O importante é saber  
que, se diferença existe,  
é, apenas, ilusória,  
pois o Vale não se esquece  
de ter nascido pra glória.

### XIV

Quanto se tem escrito  
deste Vale assombroso!  
Teve ele, entre outras,  
a magnitude de ser  
a terra santa, bendita  
e, pelos céus, escolhida  
como pedestal suntuoso,  
onde, sagrada, impera  
a Senhora Aparecida  
— a Rainha do Brasil.

XV

O Vale do Paraíba,  
pela Virgem abençoado,  
ao Senhor muito agradece  
por todo o esplendor.  
Que lhe não faltem, jamais,  
capacidade e forças,  
com São Paulo, e por São Paulo,  
para que se mantenha  
bem alto — elevado —  
o “Brasil dos brasileiros”.

1.º

Estes versos não tem grilhões  
nem algemas que os prendam  
a regras e convenções.  
Por isto, mesmo, são livres.  
Do Vale fiz o meu tema  
Quis escrever-lhe um poema,  
que beirasse a sua altura  
mas passo pela amargura  
de não haver conseguido  
o poema pretendido.

2.º

Nem poema nem poesia!  
Apenas versos prosaicos,  
que mais parecem mosaicos,  
que o tempo deslustrou.  
Mesmo, assim, não desisti  
de engrinaldar o meu Vale,  
tentando enaltecê-lo.  
Exaltar-lhe as façanhas,  
que lhe trouxeram a fama  
de ser o Vale que é.

3.º

Dealvei-lhe o passado  
através destes meus versos,  
que o brilho desconhecem.  
Dissipei tantas sombras  
daqueles dias vividos  
com estoicismo e coragem  
por uma raça de heróis,  
que lhe desbravaram o chão,  
e projetaram sua imagem  
na História do Brasil

4.º

Das odisséias que o Vale  
foi cenário em priscas eras,  
quantos rastos e vestígios  
podem afirmar, deveras,  
que os inóspitos sertões  
do Paraíba lendário  
foram a rota preferida  
de intrépidos bandeirantes  
que, arrostando a morte,  
procuravam pela sorte.

5.º

No Vale paraibano,  
cõserva-se, bem, a memória  
dos fastos — mil — inseridos  
nos textos que a História  
não permitiu esquecidos.  
De sua Gente imbatível,  
nesta terra tão brasílica,  
ardem e queimam o peito  
as chamas e o braseiro  
dum amor bem brasileiro.

6.º

Nos seus morros e planícies,  
O Vale do Paraíba  
é uma canção de beleza  
com sua letra escrita  
pela própria Natureza.  
E na penumbra dos tempos,  
nas várzeas quartenárias,  
quantas mutações se deram,  
provocando, em cadeia,  
criação de novas vidas.

7.º

Nas fontes de sua gênese,  
mistérios se adensaram  
e terras se agitaram.

Raízes ignoradas  
perderam-se, para sempre,  
nos milênios que rolaram.  
Suas origens são segredo,  
que o historiador conjectura,  
e debalde pressupõe  
na expectativa de acertar.

8.º

A verdade indubitável  
é que jaz indecifrável,  
lá nas fimbrias do passado,  
o amanhecer deste Vale.  
Na serra da Mantiqueira,  
um gigante adormecido  
e, nas rochas, esculpido,  
tem, sobre si, a cobrí-lo,  
floresta densa, compacta  
a ocultar tredos abismos.

9.º

De suas muitas histórias  
consta a de que, um dia,  
o Vale tenha surgido  
dos elementos em fúria.  
Águas “carcomendo rochas” ;  
ou, talvez, “imenso lago”  
que se não podendo conter,  
rompeu “comportas graníticas”,  
precipitou-se para fora,  
cedendo ao Vale o lugar.

10.º

O poeta e o historiador  
se irmanam nas suas crenças  
se o primeiro — sonhador —  
tenta narrá-la em versos;  
o segundo — realista —  
de pensamentos imersos  
em exames e pesquisas,  
tropeça nas incertezas  
à procura de surpresas  
que lhe desnudem o enigma,

11.º

E ambos vão descobrindo  
as sendas e os caminhos,  
que os rudes bandeirantes  
se impuseram trilhar,  
deixando, neles, as marcas  
dos seus passos fulminantes  
e das arrancadas gigantes,  
nas terras que encharcaram,  
com o sangue precioso,  
vertido pelo Brasil.

12.º

No Vale do Paraíba  
palco de tantos eventos,  
da Colônia ao Império,  
entenebrecidas passagens  
ignorar não podemos,  
sem faltar com a verdade,  
que deve prevalecer.  
Aos atos de impiedade  
juntou-se a ferocidade  
para, ao índio, escravizar.

13.º

Tribos de aborígenes,  
cruelmente perseguidas,  
foram, aos poucos, destruídas.  
“Homens de caras pálidas”,  
com “seus escravos negros”  
“arrotearam a terra virgem”.  
Seus tabus não mais valiam.  
Dos mitos escarneciam  
os mesmos que lhes roubavam  
as selvas em que viviam.

14.º

Aos nativos quase brandos  
que, “amáveis e fraternos”,  
“lhes abriram os braços”,  
estranhos sem escrúpulos,  
lhes armaram emboscadas  
para as “caçadas humanas”  
que Debret celebrizou.  
Aos arcos, flexas e tacapes  
respondiam com o fogo  
dos seus mortais bacamartes.